

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal de Brasil Class.: 81  
 Data: 12/03/89 Pg.: 15

### Fogo regenera cerrado mas mata Monte Pascoal

Apenas três meses após o incêndio que quase destruiu, em setembro de 1988, o Parque Nacional da Emas, em Goiás, já era possível registrar um vigoroso retorno da vida aos campos daquela reserva ecológica. Animais nativos, inclusive as emas que dão nome ao parque, circulavam pelos campos cobertos de vegetação recém-brotada. Esse vigor demonstra a enorme capacidade de revitalização da natureza. Mas isto não quer dizer que ela seja sempre mais forte que a ação humana. A diferença entre as circunstâncias do incêndio no cerrado de Goiás e o que atingiu na semana passada 8.500 hectares da mata atlântica que cobre o Parque Nacional do Monte Pascoal, na Bahia, é fundamental.

O Parque Nacional da Emas é constituído de cerrado, vegetação semi-desértica típica dos planaltos, adaptada ao calor do sol e do fogo que atinge periodicamente a vegetação, provocado por raios ou por combustão espontânea na época das secas, e que é benéfico para aquele ecossistema. No cerrado a flora é resistente ao fogo, com plantas de cascas espessas e raízes profundas e a topografia plana permite a rápida fuga dos animais mais ágeis. Já a estrutura das florestas úmidas não suporta o fogo em grandes proporções. Muitas sementes de plantas de cerrado são envolvidas por cascas grossas, algumas tão resistentes que precisam do calor do fogo para brotar. Lá, o fogo — nas proporções naturais — tem uma função ecológica. Em florestas úmidas, tropicais ou equatoriais, ao contrário, o fogo em vastas áreas significa a morte — às vezes a completa extinção — de várias espécies da fauna e da flora.

**Sem nutrientes** — É o caso do Monte Pascoal. Quando queimadas em grandes proporções, as florestas úmidas perdem a capacidade de revitalização, sobretudo se estão em terreno de declive. O solo onde cresce esse tipo de vegetação tem uma camada fértil pouco espessa que, com o calor dos incêndios e queimadas, perde seus poucos nutrientes.

As plantas e animais habitantes dessas florestas dependem da umidade homogênea e da pouca luminosidade encontrada sob vegetação fechada. Sem essas condições, mesmo que consigam escapar ao fogo, eles não conseguem sobreviver no novo ambiente. No lugar da vegetação exuberante passam a crescer plantas que não dependem da mesma cadeia ecológica para se reproduzir, como o capim colômbio (capim alto, comum na região Sudeste, cujos esporos são levados pelo vento). Além de

concorrer pela terra com as outras sementes que tenham sobrevivido ao fogo, o capim todo ano vira palha. Pega fogo com qualquer fagulha e provoca novos incêndios que destroem as outras possibilidades de vida.

Segundo Luís Vallejo, professor de ecologia da Universidade Federal Fluminense, a estrutura das florestas úmidas é muito fácil de ser rompida, mas sua recuperação é lenta e complicada. Ele diz que ainda não é possível saber o quanto se perde a cada queimada ou incêndio. "Há muitas espécies que ainda nem foram catalogadas", diz.

**Perigos** — No Brasil, diz o professor Vallejo, "a mata ainda é vista, como nos tempos coloniais, como algo improdutivo, como se a floresta não fosse fundamental. Sem a floresta, por exemplo, os mananciais diminuem perigosamente". Essa mentalidade não é de hoje. A reserva ecológica Monte Pascoal é (ou era) grande parte do que resta da Mata Atlântica, floresta tropical madura que, até a chegada dos europeus, ocupava as montanhas e a baixada de quase todo o litoral brasileiro. Quando já não havia madeira de lei para extrair, queimava-se, como hoje.

Há séculos o homem usa o fogo como método de preparo da terra. Inclusive os índios. Suspeita-se, por exemplo, que foi uma queimada feita por índios pataxós que se alastrou e provocou o incêndio da reserva indígena de Monte Pascoal. Segundo o professor Vallejo, queimar pode ser até benéfico para a própria natureza, desde que o fogo seja usado, em pequenas proporções e como instrumento racional e controlado. Entretanto, se encarado do ponto de vista puramente ecológico, o fogo provocado é inteiramente absurdo. Significa a destruição de um imenso esforço vital que envolve complexas cadeias biológicas da qual o homem faz parte.

Mas se não são novidade, e se até hoje a humanidade sobreviveu a elas, as queimadas hoje estão sendo feitas numa escala nunca antes vista, chamando a atenção do mundo todo. O Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) está investigando qual é a menor porção de floresta capaz de sobreviver enquanto tal, ou seja, sem se transformar num ambiente artificializado. Com essas informações vai ser possível determinar até que ponto se pode utilizar recursos como as queimadas — que produzem cinzas cujos sais minerais enriquecem o solo para os agricultores — sem causar desastres fatais para o meio ambiente.